


## Fazer OVO: uma ementa como escultura ou uma sala de aula de filosofia como ateliê

*Crafting OVO: The syllabus as sculpture, the philosophy classroom as art studio*

Cecilia Cavalieri

 0000-0001-8705-7576  
ceciliacavalieri@gmail.com

### Comentários para o editor

x

#### Participantes [Editar](#)

Cecilia Cavalieri (ceciliacavalieri)

Revista Arte & Ensaios (ae)

#### Mensagens

Nota	De
<p>Prezados editores,</p> <p>Escrevo esta pequena nota explicando o contexto do escrito submetido: trata-se de um texto coletivo, ativado por mim a partir da chamada da Arte Ensaios [os 3 primeiros parágrafos respondem literalmente à chamada] para a qual proponho um experimento com alunes no contexto de um curso de pós, o OVO: uma ementa pensada como escultura em um contexto de um ovulário por oposição a um seminário cujo trabalho final [cartas endereçadas] amarraram uma história de encontros em sala de aula que se conduziu como um ateliê.</p> <p>Meu intuito com essa submissão era, como ação estético-política, assinar coletivamente, de modo que estudantes tivessem também a oportunidade de estar juntas em coautoria.</p> <p>Mas qual não foi minha surpresa quando – imagino que também o desejo tenha sustentado um esquecimento fortuito – me dei conta de que os artigos só poderiam ser submetidos se fossem monoautorais; imagino que isso se deva aos critérios Qualis.</p> <p>Portanto venho humildemente por meio deste bilhete solicitar que este texto seja submetido a um eventual dossiê, onde autorias coletivas são ainda possíveis, acho.</p> <p>Queria lutar por isso na medida do possível. É um gesto importante do qual eu não gostaria de abrir mão.</p> <p>Um forte abraço a todes e muito obrigada pela atenção,</p> <p>Cecilia</p>	<p>ceciliacavalieri 10-03-2025 12:10 PM</p>

## Resumo

Este ensaio pensa a ideia de uma ementa como escultura e a sala de aula como ateliê a partir da experiência do OVO, sigla para Ovulário de Vacilação Ontoepistêmica, conduzida na pós-graduação do Departamento de Filosofia da PUC-Rio por uma artista-etc. no segundo semestre de 2024. Invocando certa indisciplinaridade, o texto é recortado por fragmentos de cartas que foram enviadas como trabalho final do curso, que envolveu discentes de filosofia, letras, arquitetura e teatro, defendendo o sentido do gesto poético na prática filosófica e o lugar do desejo na sala de aula, argumentando que ensinar e aprender envolvem uma relação erótica com a universidade, vínculo que vem sendo ameaçado pela precarização da educação e que se faz vivo como uma sala de aula ancorada em uma prática artística.

## Palavras-chave

OVO. Indisciplinaridade.  
Arte & filosofia. Desejo. Artista-etc.

## Abstract

*This essay explores the idea of a syllabus as sculpture and the classroom as an atelier, based on the experience of OVO – an acronym for Ovulário de Vacilação Ontoepistêmica (Onto-epistemic Wavering Ovulatory) – conducted in the graduate program of the philosophy department at PUC-Rio by an artist-etc. in the second semester of 2024. Invoking a certain indisciplinarity, the text is interspersed with fragments from letters that were submitted as final assignments for the course, which involved students of philosophy, literature, architecture, and theater. It defends the role of the poetic gesture in philosophical practice and the place of desire in the classroom, arguing that teaching and learning involve an erotic relationship with the university – a bond that has been threatened by the increasing precarity of education and that remains alive in a classroom anchored in artistic practice.*

## Keywords

OVO. Indisciplinarity.  
Art & philosophy. Desire. Artist-etc.

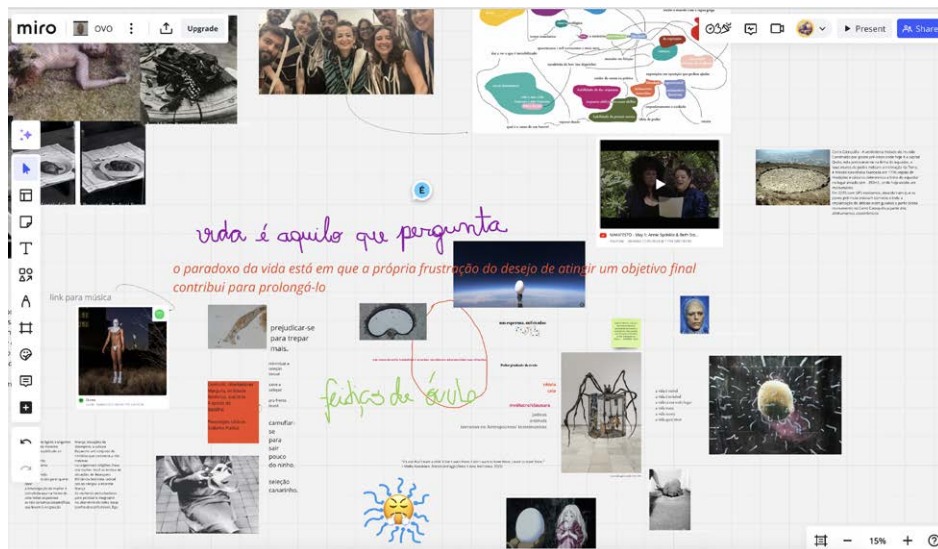


Figura 1  
Captura de tela do quadro  
coletivo construído  
na plataforma Miro

Se essa chamada visa “conclamar artigos que debatam o lugar *do* artista nas escolas de arte”, o que proponho aqui é um outro tipo de transcendência: debater o lugar de artista-etc., e por -etc., nesse contexto, incorporo escuta analítica e docência, em um curso de pós-graduação no Departamento de Filosofia de uma universidade privada e filantrópica<sup>1</sup> situada na zona Sul do Rio de Janeiro, a PUC-Rio. Daí a ideia de ementa como escultura ou como impregnar o gesto pedagógico daquilo que a arte pode suscitar: o trabalho escultórico em torno de uma ementa como programa performativo da sala de aula. Vale comentar que foi com a professora, pesquisadora e *performer* Eleonora Fabião (2013) que aprendi sobre a concepção de programa performativo. Eleonora cunhou a expressão para definir as operações composicionais específicas a partir da ideia de programa proposta por Deleuze e Guattari (1997) em *Mil platôs...*, a partir do qual a dupla sugere que o programa é o “motor da experimentação”, ou motor de experimentação psicofísica e política – programa e ementa compartilham uma mesma condição ontológica. Em 2016 parti com Fabião para tratar da relação singular entre performance e poesia, no sentido de compreender o programa performativo como uma espécie de poema; quase como se a performance fosse a realização ou a literalização de um poema; como

<sup>1</sup> Ao esculpir uma ementa importa olhar detidamente todos esses marcadores.

se ela desse literalidade à experiência poética ou, ainda, como se realizasse a experiência material, físico-química e espaçotemporal da própria poesia: não sua representação, mas a própria coisa em si dita no espaço. Os projetos Acorn (2013) e Grapefruit (1964), da artista-etc. Yoko Ono, por exemplo, podem ser tomados como experimentos de programas performativos. Se, de certo modo, a performance pode ser experimentada como escultura de um poema, podemos pensar uma ementa como o programa performativo de uma poética – e de uma erótica – da sala de aula.

*\*\*\* aos companheiros desta viagem. pensando um pouco no que eu tenho para falar e depois da minha mente ter vagado prolixamente por variados tópicos da maior importância, conclui que a única coisa que eu tenho para comunicar é o meu cansaço. me demorei um pouco nele e talvez tenha algo que vale a pena ser dividido. eu faço doutorado em filosofia e trabalho de garçonne em um teatro no centro do rio de janeiro. quando em uma conversa eu entrego esses três fatos (exaustão, doutorado, garçonne), é comum que surjam reações que, embora variadas, giram em torno da ideia de que meu cansaço é fruto das horas que eu passo em pé, carregando bandeja e limpando mesas. obviamente, trabalhar na pesquisa, no teatro e na minha casa, por si só, me cansam. mas o meu cansaço não é apenas físico, o que eu experimento me parece como um cansaço energético, o corpo muitas vezes está apto a continuar, mas não tem nenhum tipo de força motriz. durante o curso a gente falou muito das relações que estabelecemos entre nossos corpos e o saber, sobre construções no eixo sexo-gênero, sobre sexualidade e origem da vida, sobre a autoconsciência de corpos outro que humanos. e tentou ouvir perspectivas diversas sobre esses tópicos. entre o meu cansaço e esse programa, eu lembrei de alguns textos que gostaria de dividir e contar um pouco da minha experiência pessoal com eles. antes disso, acho que vale a pena explicar o motivo da minha ausência. dia dez, terá show do ivan lins no teatro, então trabalharei até meia noite. dia onze, haverá a final de um concurso de drag queens, dragstar, nós precisaremos estar no teatro às 16h, como de costume, mas, excepcionalmente para este evento, a produção pediu que a casa ficasse aberta até às 5h da manhã... às 16h do dia 1 precisamos estar de volta para o show da alice caymmi. peço sinceras desculpas por não poder estar com vocês, mas preciso descansar antes dessa pequena maratona. então... continuando as reflexões sobre corpo, rotina e cansaço. vocês já pararam pra pensar que o “eu” pode ser um tema da agricultura? isso não é uma metáfora sobre autocultivo ou meios de produção da subjetividade. é uma proposta do ensaísta, místico, agricultor e poeta americano wendell berry.*

*quando eu terminei o mestrado, eu cometi uns erros de documentação que me impediram de entrar direto no doutorado da ufrj, onde eu pretendia prosseguir com os estudos. sem bolsa, sem emprego, e sem saber exatamente o que fazer, eu voltei pra minha cidade natal, porto seguro, ba. foi um momento de muita crise pessoal. embora eu estivesse experimentando uma total falta de sentido aqui no rio, cumprindo a tabela do desenvolvimento profissional e sem nenhuma segurança de que isso traria (trará) os resultados esperados, voltar para a bahia, parecia às vezes como uma derrota. isso foi em abril de 2023, eu cheguei no rio onze anos antes, em fevereiro de 2012, e durante esses onze anos eu temi esse momento: se eu não der um jeito de me virar aqui, eu vou ter que voltar. chegando em porto, não experimentei esse sentimento de derrota que eu antecipava, eu senti alívio. eu senti que estava reencontrando algo que havia perdido, um senso de pertencimento e uma espontaneidade que não aparecia em mim há muito tempo. fui descobrindo outras histórias de família, outra rotina, outros modos de me relacionar com o lugar e com minhas angústias, outros interesses profissionais e mais. fui procurar na literatura uma companhia para viver esses sentimentos e encontrei um livro de bell hooks chamado “pertencimento: uma cultura do lugar”. queria falar um pouco dele pra vocês e deixar aqui o convite para a leitura (posso enviar o epub para quem se interessar). foi por meio desse livro que eu conheci o berry e muita coisa mudou em mim desde então. nesse livro, ela trabalha com a ideia de que a migração forçada dos negros americanos para os grandes centros urbanos, e consequente afastamento da natureza e dos hábitos ancestrais dos negros agricultores, facilitaram a internalização, por parte dos negros em vida urbana, de uma ordem supremacista branca imperialista, que os coloca em uma posição de intenso sofrimento... \*\*\*<sup>2</sup>*

Vale elaborar, brevemente, aqui, esse -etc. como função conceitual proposta pelo artista e professor Ricardo Basbaum: por oposição ao artista-artista, o artista-etc. é uma proposição acerca das competências múltiplas com as quais artistas operam em seus ofícios, uma espécie de artista que não se conforma, no sentido de tomar e se adequar à forma e ao formato, da sua especialidade, de um especialismo que lhe conferiria a completude de sujeito moderno. Portanto a transcendência proposta, aqui, para esse arremedo -etc., de artista-etc., e por -etc., disse, Basbaum, em 2013:

---

<sup>2</sup> Fragmento de carta de Marina Castro enviada aos colegas de OVO.

Amo os artistas-etc. Talvez porque me considere um deles. Artistas-etc. não se moldam facilmente em categorias e tampouco são facilmente embalados para seguir viagens pelo mundo, devido, na maioria das vezes, a compromettimentos diversos que revelam não apenas uma agenda cheia mas, sobretudo fortes ligações com os circuitos locais em que estão inseridos. Vejo o “artista-etc.” como um desenvolvimento e extensão do “artista-multimídia” que emergiu em meados dos anos 1970, combinando o “artista-intermídia” fluxus com o “artista-conceitual” – hoje, a maioria dos artistas (digo, aqueles interessantes...) poderia ser considerada “artistas-multimídia”, embora, por “razões de discurso”, estes sejam referidos somente como “artistas” pela mídia e literatura especializadas. “Artista” é um termo cujo sentido se sobre-compõe em múltiplas camadas (o mesmo se passa com “arte” e demais palavras relacionadas, tais como “pintura”, “desenho”, “objeto”), isto é, ainda que seja escrito sempre da mesma maneira, possui diversos significados ao mesmo tempo. Sua multiplicidade, entretanto, é invariavelmente reduzida apenas a um sentido dominante e único (com a óbvia colaboração de uma maioria de leitores conformados e conformistas). Logo, é sempre necessário operar distinções de vocabulário. O “artista-etc.” traz ainda para o primeiro plano conexões entre arte & vida (o “an-artista” de Kaprow) e arte & comunidades, abrindo caminho para a rica e curiosa mistura entre singularidade e acaso, diferenças culturais e sociais, e o pensamento. Se a próxima Documenta for curada por um artista, devemos esperar encontrar um artista-etc. trabalhando como artista-curador (Basbaum, 2013).

Volto à pergunta dessa chamada: “Seja na condição de docente, pesquisador ou discente, como a produção desse artista é provocada a partir de sua vivência no espaço de ensino e de que forma ela é reverberada?”. Se o tema da convocação vem da “efeméride” dos 40 anos deste Programa de Pós-graduação em Artes Visuais, programa no qual realizei meu doutoramento, é também catapultada por ele que proponho a abertura desta discussão no sentido de uma interdisciplinaridade em seu emaranhamento ético-estético-político, de modo que a respondo ao erradicar a função interrogação de outra pergunta da chamada ao transformá-la em afirmação: “a universidade pode ser pensada como um ateliê, como um espaço em si de experimentação e criação poética para o artista-pesquisador(-?)”.

*\*\*\* esse texto deveria ser uma carta endereçada a alguma autora lida ao longo da disciplina “ovo: ovulário de vacilação onto-epistêmica”. mas ele não é. inspirada pelo meu sobrinho bento de 5 anos que, ao terminar de fazer um exercício da escola, virou-se e anunciou: “fiz tudo errado!”, eu também farei tudo errado. o que virá nas páginas a seguir pode até ser uma carta, mas não é para nenhuma autora. ao contrário do bento, meu pequeno malandro, não tomo esse desvio necessariamente por rebeldia, mas sim como a única coisa que posso fazer. de saída, eu pensei em escrever para a morte, depois cogitei abrir mão do endereçamento, em seguida, aceitei que o destinatário seria o mesmo do remetente, eu mesma. por fim, essa carta se tornou também para meus sobrinhos, bento e seu irmão gêmeo caio. só conseguirei fazer dessa correspondência uma fita de moebius, presa em minha idiossincrasia brutal e brutalizada. todavia, espero conseguir caminhar com essa fita, quem sabe cortá-la em pequenas tirinhas, infinitas ou despedaçadas e desvendar outros caminhos possíveis. escrevo porque preciso explicar para o bento e para o caio que a mamãe deles não vai voltar e nenhuma tradução que me ofereceram até agora bastou. eu escrevo porque eu não consigo entender, então eu preciso inventar. bento e caio, eu recebi toda a sorte de sugestão sobre como lidar com vocês, incrível como tanta gente parece saber o que é o melhor a ser feito nessa situação. bom, nós não sabíamos e seguimos não sabendo direito, então falamos com algumas pessoas em quem confiamos e nos recomendaram não sair dando explicações, mas esperarmos vocês fazerem as perguntas. eu achei bonito isso, é provável que as perguntas de vocês nos convoquem a dar respostas melhores do que seríamos capazes de oferecer por conta própria. me pareceu uma forma honesta de nos ajudarmos e construirmos juntos um entendimento. como na primeira vez em que vocês me pediram para rezar à noite e, devido ao meu parco repertório, vocês me ensinaram a reza que mais gostam, como contribuição eu inventei outra. caio disse que ela parecia com a oração do “papai do céu” que a mamãe fazia e resolveu chamá-la de “parecida”. acho que essa foi uma das respostas que fabricamos juntos desde então. também me aconselharam a emprestar meu vocabulário para vocês e nomear os sentimentos, falar em tristeza, saudade, amor. eu queria aproveitar e nomear para vocês outra coisa com a qual eu sou muito envolvida que se chama feminismo, vocês vão me ouvir falar muito disso ao longo da vida. nessa coisa chamada feminismo debate-se bastante sobre o cuidado, de várias formas diferentes, eu gosto mais de umas do que de outras, mas preciso admitir que eu nunca me envolvi muito nessa discussão, sobretudo nos debates acerca*

*da maternidade. mas eu rapidamente entendi que para cuidar de vocês eu precisaria cuidar de mim igualmente, o que ninguém me contou é que vocês cuidariam de mim também. por isso, finalmente, essa carta é por mim, mas a escrevo para vocês. eu perdi meu pai quando era adolescente, que é uma fase na qual não somos mais crianças, tampouco somos adultos ainda. sempre falei que perdi meu pai muito nova, agora retirei o “muito” e falo apenas nova. eu já conhecia o luto, mas nunca imaginei que precisaria redescobri-lo pela necessidade de dividi-lo com crianças de 5 anos. será que a ideia da estrela vai ajudar vocês como me ajudou? nós podemos pensar que a mamãe de vocês virou uma estrelinha que nem a gatinha duquesa do livro que lemos outro dia. será que são as fadinhas que penduram ela no céu? assim vocês poderão vê-la à noite como o porquinho lino, do outro livro, vê sua amiga lua. ou será que ela ficou transparente que nem jesus? essa história de jesus que está sempre com a gente, mas é transparente, vocês mesmos que me contaram. confesso que jesus é um pouco difícil para mim, mas gostei dessa coisa de transparente. será que foi a mamãe que ensinou isso para vocês? será que ela escuta quando rezamos ou lemos história antes de dormir?\*\*\*<sup>3</sup>*

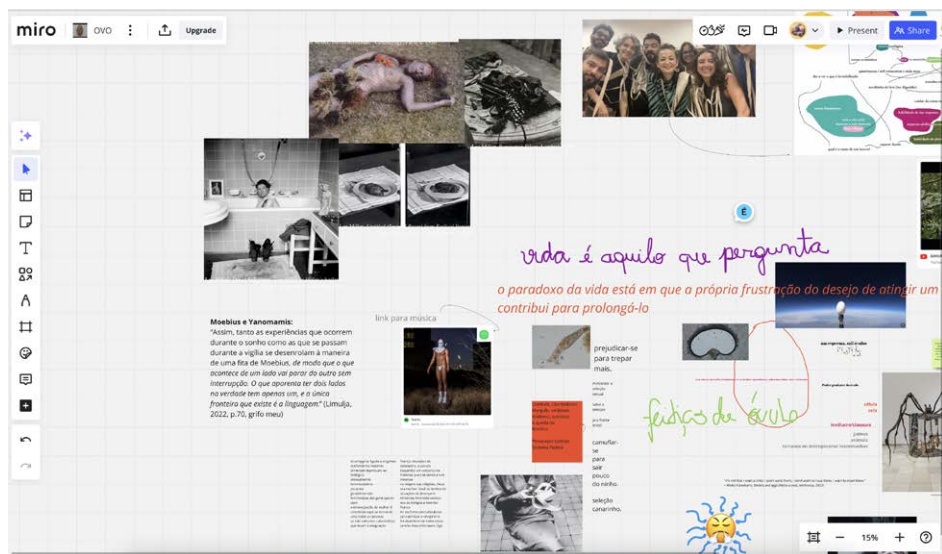
Foi a ativista climática, pesquisadora e filósofa Déborah Danowski, supervisora de meu pós-doutorado transdisciplinar entre arte e filosofia e fundadora, em 2011, da linha de pesquisa A filosofia e a questão ambiental – a primeira do Brasil – que, no segundo semestre de 2024, me concedeu total liberdade para ministrar um curso na pós-graduação do Departamento de Filosofia da PUC-Rio em torno dos temas de meu interesse. Mobilizada por um desejo de experimentação poética com estudantes de filosofia, e por uma forte inclinação conceitual, defendi a criação do OVO, sigla para Ovulário de Vacilação Ontoepistêmica, no contexto dos Tópicos de Filosofia Contemporânea [FIL-2286], no qual, por oposição à noção de seminário, um ovulário suscitou a construção de um espaço coletivo para vacilar, duvidar e, como diria a química e filósofa Isabelle Stengers em *Uma outra ciência é possível*, “fazer as perguntas erradas” – e eu tenho uma paixão incontornável pelas perguntas erradas.

---

<sup>3</sup> Fragmento de carta de Lucia Barros enviada aos sobrinhos que perderam a mãe.



Figura 4  
Captura de tela do quadro  
coletivo construído  
na plataforma Miro



**\*\*\*** *querida lynn, eu não faço a menor ideia de como eu conseguiria iniciar uma conversa com você por meio de uma carta, e isso se dá por diversos fatores, desde o fato de você não estar mais viva, o fato de eu não treinar esse gênero de escrita e também por conhecer pouquíssimo ao seu respeito. talvez esse último tópico sinalize o modo no qual minha admiração por você se manifesta: um brilho nos olhos gerado por uma promessa de pensar a vida que me faça surpreender a cada novo pedaço de informação que você seja capaz de me proporcionar. é até meio esquisito, em termos morais, escrever essa carta para você, alguém que chega até mim a partir das palavras traduzidas em páginas de livros físicos e pdfs, algo que me faz hesitar e me perguntar se é justo me dirigir a alguém que fomenta a minha curiosidade intelectual mas que eu não saiba nada a respeito num nível pessoal. no fim, talvez essa carta seja mais para os seus micróbios, endossimbioses, teorias de sistemas gaianos e simbiogêneses. é o que eu consigo escrever nos termos do que sei. não sei o quanto você esperava que isso fosse acontecer, mas você se tornou uma personalidade científica lembrada por muita gente que enxerga em você e no que você produziu um modo mais interessante de falar sobre a vida e sobre o sexo. essa primeira parte pode não ser o que mais te surpreenda, a recepção tardia de sua obra pode significar para você apenas a recompensa por todo o trabalho árduo que você colocou em suas pesquisas. talvez o que te surpreenda seja a extensão e a diversidade de pesquisadores que foram influenciados pelo que você escreveu e defendeu, um conjunto de pessoas que*

*hoje extrapola o campo das ciências da vida. diversos autores das humanidades, em especial aqueles que se defrontam com as consequências das mudanças climáticas, vêm em sua hipótese de gaia uma saída para compreender o quão vivo o planeta pode se mostrar para nós. mas qual a mínima relevância do fato de ser eu — e não qualquer outro pesquisador — quem escrever essa carta para você? talvez essa pergunta soe meio pretenciosa, desnecessária e egocêntrica, mas acho que respondê-la torna menos trivial a leitura de uma carta e também faz com que os comentários pareçam menos vazios. não é como se eu soubesse responder essa pergunta com clareza, mas se eu puder esboçar minimamente a respeito do que me leva a tentar estabelecer esse contato tão precário, talvez eu encontre essa resposta no fato de você conseguir me fazer maravilhar com algo que já pareceu ser completamente morto e previsível pra mim: a biologia. pra quem passou por um curso técnico em biotecnologia durante o ensino médio, é meio complicado não criar um olhar em relação à vida e ao seu estudo enquanto processos mecânicos completamente desinteressantes. ingenuamente, eu fiz essa escolha na época pensando em encontrar o encantamento que a biologia poderia me proporcionar, algo que eu achei que iria encontrar devido ao fato de sempre ter me interessado por animais quando era criança, nesse período em que tudo parece tão rico e pleno de novidade. talvez essa frustração tenha sido uma mistura de uma arrogância adolescente que via em tudo que fosse mais técnico um sinônimo de ausência de significado relevante, aliada a um ensino puramente utilitário e instrumental para o qual todo o encanto que os seres vivos podem proporcionar não passa de um detalhe estético irrelevante.\*\*<sup>4</sup>*

Começamos o semestre questionando o lugar do seminário na universidade, debatendo a composição etimológica da palavra e entendendo a complexidade que havia na germinação do termo, algo entre sêmen e semente, mas sobretudo a respeito da ação ativa de formação:

SEMINÁRIO s.m. é um empréstimo (1551) do latim clássico *seminarium* “viveiro de plantas” e, no sentido figurado, “fonte, origem, princípio, causa”, substantivação do adjetivo *seminarius* “relativo às sementes”, derivado de *semen* (→ semear). A palavra no latim eclesiástico (1545)

<sup>4</sup> Fragmento de carta de Éter Monteiro enviada a Lynn Margulis.

designa um estabelecimento onde se preparam jovens para o estado eclesiástico. *Seminário* retoma primeiro um sentido do latim clássico, “princípio vital de um fenômeno”, que desapareceu. Ele é retomado no vocabulário da educação religiosa (segunda metade do século 16); daí, passou a ser usado para se referir a um ambiente no qual alguém se forma para uma profissão (1570) e, de forma mais restrita, a um lugar (1636). O valor etimológico se conservou em dois usos. O primeiro é adjetivo, *seminário* qualificando (1534) o que contém a semente, por empréstimo ao latim. O adjetivo reaparece no século 18, a partir de um sentido de *semen* “grão”, em *pedra seminária* “que parece composta de um amontoado de grãos” (1765), mas esse uso caiu em desuso. O nome também tem o sentido próprio de “viveiro” (1599), ainda registrado em 1700. Por analogia, foi empregado para “lugar onde se criam animais jovens” (1600). Na língua clássica, designa também abstratamente uma causa (antes de 1615), por retomada do latim. Todos esses usos caíram em desuso. Apenas o uso para “estabelecimento de formação” sobreviveu após o século 18, essa acepção dando origem a sintagmas como *pequeno seminário* (1681) e depois *grande seminário* (atestado em 1876). Por metonímia, a palavra designa os alunos e os mestres do seminário (1718), o tempo de estudos (c. 1770) e os edifícios de um seminário (século 19). No século 19, *seminário* designa (1845) diversos estabelecimentos de instrução pública na Alemanha, por empréstimo ao alemão *Seminar*, de mesma origem. Por outro empréstimo ao alemão, *seminário* se diz (1893) de um grupo de trabalho dirigido por um professor e dedicado a um domínio particular de conhecimentos. Por extensão, é usado para uma reunião de especialistas, em concorrência com *colóquio*, *mesa-redonda* etc., acepção difundida por volta de 1950; esse valor se espalhou com a prática na vida profissional (*seminário de vendedores* etc.). SEMINAL, adj. é um empréstimo (1372) ao latim *seminalis* “destinado a ser semeado”, especialmente empregado no plural (*seminalia*) como nome no sentido de “terras semeadas”, “colheitas”, e significando também “prolífico”; a palavra deriva de *semen* (→ semear). Primeiramente empregado na expressão didática desaparecida *virtude seminal* “que se refere à semente”, o adjetivo se aplica (1555) ao que é relativo ao esperma. Ele qualificou (1611) o que diz respeito às sementes das plantas em *lóbulos*

*seminais* “cotilêdneas” (1765), *folhas seminais* (1835), valores arcaicos. Também envelheceu como termo da filosofia, retomando o primeiro uso da palavra, em *razão seminal do mundo* “união da inteligência e da alma” (1842), a propósito do neoplatonismo, mas ainda existe didaticamente<sup>5</sup> (Rey, 2011)

No decorrer do curso tentamos, como proposto no início, caminhar em torno das complexidades metabólicas que informam conceitos e constituem os *objetos da ciência* a partir da premissa prática do artista macuxi Jaider Esbell: no mundo indígena todo mundo é artista. O problema ontológico imposto para a arte na declaração de Jaider era, também, o problema que nos levaria ao centro do ovo moderno. Se o que se convencionou nomear Gaia é esse sujeito-objeto

<sup>5</sup> Nessa e nas demais citações em idiomas estrangeiros, a tradução é minha. No original: *SÉMINAIRE* n. m. est emprunté (1551) au latin classique *seminarium* «pépinière» et au figuré «source, origine, principe, cause», substantivation de l'adjectif *seminarius* «relatif aux semences», dérivé de *semen* (→ semer). Le mot en latin ecclésiastique (1545) désigne un établissement où l'on prépare des jeunes gens à l'état ecclésiastique. *Séminaire* reprend d'abord un sens du latin classique, «principe vital d'un phénomène», disparu. Il est repris dans le vocabulaire de l'éducation religieuse (2e moitié XVIe s.); de là, il s'est employé en parlant d'un milieu dans lequel on se forme à une profession (1570) puis, de façon plus restreinte, d'un lieu (1636). La valeur étymologique s'est conservée dans deux emplois. Le premier est adjectif, *séminaire* qualifiant (1534) ce qui contient la semence, par emprunt au latin. L'adjectif réapparaît au XVIIIe s., d'après un sens de *semen* «grain», dans *pierre séminaire* «qui paraît composée d'un amas de graines» (1765), mais cet emploi est sorti d'usage. Le nom a aussi le sens propre de «pépinière» (1599), encore relevé en 1700. Par analogie, il a été employé pour «endroit où l'on élève de jeunes animaux» (1600). Dans la langue classique, il désigne aussi abstraitement une cause (av. 1615), par reprise du latin. Tous ces emplois sont sortis d'usage. Seul l'emploi pour «établissement de formation» a survécu après le XVIIIe s., cette acception donnant lieu à des syntagmes comme *petit séminaire* (1681) puis *grand séminaire* (attesté 1876). Par métonymie, le mot désigne les élèves et les maîtres du séminaire (1718), le temps d'études (v. 1770) et les bâtiments d'un séminaire (XIXe s.). Au XIXe s., *séminaire* désigne (1845) divers établissements d'instruction publique en Allemagne, par emprunt à l'allemand *Seminar*, de même origine. Par un autre emprunt à l'allemand, *séminaire* se dit (1893) d'un groupe de travail dirigé par un professeur et consacré à un domaine particulier de connaissances. Par extension, il s'emploie pour une réunion de spécialistes, en concurrence avec *colloque*, *table ronde* etc., acception répandue vers 1950; cette valeur s'est répandue avec la pratique dans la vie professionnelle (*séminaire de vendeurs*, etc.). Le dérivé *SÉMINARISTE* n. m. et adj. est resté dans le vocabulaire ecclésiastique (1609) avec des connotations figurées assez péjoratives (naïveté, bigoterie). Il est rare comme adjectif (1829) et n'est guère employé en français d'Europe, à la différence du français d'Afrique, avec les valeurs modernes, non ecclésiastiques, de *séminaire*. *SÉMINAL*, *ALE*, *AUX* adj. est un emprunt (1372) au latin *seminalis* «destiné à être semé», spécialement employé au pluriel (*seminalia*) comme nom au sens de «terres ensemencées», «moissons», et signifiant aussi «prolifère»; le mot dérive de *semen* (→ semer). D'abord employé dans l'expression didactique disparue *vertu séminale* «qui se rapporte à la semence», l'adjectif s'applique (1555) à ce qui est relatif au sperme. Il a qualifié (1611) ce qui concerne les graines des plantes dans *lobes séminaux* «cotylédons» (1765), *feuilles séminales* (1835), valeurs archaïques. Il a aussi vieilli comme terme de philosophie, reprenant le premier emploi du mot, dans *raison séminale du monde* «union de l'intelligence et de l'âme» (1842), à propos du néo-platonisme, mais existe encore didactiquement.

dotado de uma imanência radical que não pode ser acomodada no conceito de Antropoceno, essa fratura epistemológica diante da qual o Ocidente não sabe como se mover, como falar das metafísicas em conflito que excedem a linguagem? O ovulário convocou a afirmação de outra prática artística, literária e filosófica implicada com as ciências, com os estudos animais e feministas. O curso foi dividido em três momentos: *Aesthesis* menos-que-humana, tocando as realidades mais-que-materiais a partir de práticas artísticas e científicas que desafiam os limites do humano; Conceito é mundo de muitos mundos, que investigou a escalabilidade de conceitos fundamentais como mulher, mundo e conceito, revelando suas multiplicidades ontológicas; e Ficção como faca, que abordou a fratura entre fato e ficção, discutindo modos hipermateriais de perceber e narrar porções de mundos.

Não sei se conseguimos dar conta daquilo que prevíamos em nossa escultura, mas é essa dimensão de fracasso da ementa que nos interessa, a dimensão feminina, histórica e contrafática de um roteiro que se desengessou e gaguejou no processo vivido, e que foi contaminado pelos atravessamentos do semestre. Com ele vieram discentes de filosofia, letras, arquitetura, dança e de teatro.

A diferença de uma sala de aula ovular era, também, calcada no experimento da escuta da recepção dos textos. Ouvir e devolver aos estudantes aquilo que eles enunciavam era, em parte, acionar uma espécie de dispositivo clínico grupal esquivo. Se o princípio *O*, de ovulário, atravessava o *princípio seminário* como diferença quase opositiva engatilhado pela afirmação da antropóloga Emily Martin (1991) ao dizer que “um desafio feminista é sensibilizar metáforas adormecidas nas ciências, particularmente aquelas envolvidas em descrições do óvulo e do esperma”,<sup>6</sup> o *V* de vacilação era sobre sustentar perguntas sem a ansiedade de saná-las com respostas, sustentá-las como interrogação, como aquilo que mobilizava caminho e que produzia a vida intraclasse. O princípio *O*, de ontoepistêmica, uma citação direta às *aberturas ontoepistêmicas* da antropóloga peruana Marisol de la Cadena (2024) evocada em sua etnografia conceitual

---

<sup>6</sup> No original: *One clear feminist challenge is to wake up sleeping metaphors in science, particularly those involved in descriptions of the egg and the sperm. Although the literary convention is to call such metaphors “dead,” they are not so much dead as sleeping, hidden within the scientific content of texts and all the more powerful for it. Waking up such metaphors, by becoming aware of when we are projecting cultural imagery onto what we study, will improve our ability to investigate and understand nature. Waking up such metaphors, by becoming aware of their implications, will rob them of their power to naturalize our social conventions about gender.*

*Seres-Terra: ecologias de prática em mundos andinos*, era o conceito que pretendia ancorar nossas leituras para além dos limites epistemológicos modernos que elas suscitavam. Nesse sentido, elaborar coletivamente sobre o momento de suicídio de Jaider Esbell, no contexto de uma Bienal de Artes de São Paulo, em meio a uma pandemia global, era também vacilar diante dessas categorias e práticas modernas (arte, vida, morte...) e pensar uma ecologia delas, desses conceitos e dessas práticas, sem que pudessem ser respondidas com a facilidade habitual. Ainda sobre a proposição de Marisol, o que está transcrito em seu livro, que podemos entender como um tratado de metafísica, se traduz naquilo que faz jus a uma certa intradutibilidade e que Marisol propõe como um princípio ontológico: “isto é, mas não apenas”. Como antropóloga fazendo etnografia dos Quechua nos Andes, Marisol discorre com certa alegria melancólica a respeito da consciência do limite do trabalho de compreensão e de tradução; a sensação de satisfação ou de alívio dentro desse lugar do reconhecimento de um fracasso, o reconhecimento de um egoísmo diante do gesto etnográfico e a descoberta dessa miríade, de infinitas nuances, entre *eu* e *outro*: mais um binômio em colapso. Esse estado de desaceleração, de duvidar de si, ou a permissão de uma certa lentificação do projeto, da pesquisa, da intenção etnográfica e do pensamento é o que faz abrir esse estar-em-antropóloga para os arranjos precários suficientes na sua insuficiência. Assim como em sala de aula a necessidade é, às vezes, a de recuar. Todo o reconhecimento de uma fragilidade constitutiva, a observação aguda de conceitos que são também ações, de palavras-práticas, de caminhadas-aprendizados, a não pretensão da continência de um fenômeno em um conceito fixo, a meu ver, só poderiam ter sido feitos por uma antropóloga, uma mulher do sul e, arrisco dizer, uma mãe, uma mamífera que sustenta – e aponta – não apenas os modos diferentes de se existir, mas o modo de existência *diferença radical* com uma honestidade também radical diante da posição – também de poder, também letrada – que ocupa. E é isso o que mais me comove, no sentido de mover-junto e incorporar na sala de aula: o pensamento-prático, a filosofia feita com o corpo-aí, friccionando todas as complexidades não verbais e a-históricas. “Mais que um, menos que dois ou que muitos”: a condição mais-que-material e menos-que-humana de tudo; pensar em ato, pensar-enquanto. Já adianto, porém, que o verdadeiro brilho deste artigo algo ensaístico está no que de honestamente radical aparece nos trabalhos finais: cartas endereçadas

(e por endereçamento invoco o desejo de falar-com e de falar-para; de devolver aquilo que os lançou ali para quem os mobilizou desde ali) para autores lides, nós mesmos como coletiva, ou um eventual estrangeiro ao OVO. Uma sala de aula esculpida também politicamente em sua ovularidade constava em colocar o corpo docente em jogo, afinal, é raro quando a filosofia tem corpo<sup>7</sup> – e por corpo docente trato de meu próprio corpo – no sentido de, como artista-etc., estrangeira no Departamento de Filosofia, o que importava era *como* se escreveria um eventual trabalho final: o que nos fez chegar aqui juntas.

*\*\*\* dia primeiro do décimo segundo mês do ano de dois mil e vinte quatro, depois de cristo. querida ursula, será que a posso chamar assim? ou deveria usar, sra. le guin? depois de ler seu texto sobre a bolsa da ficção tantas vezes, sinto uma cumplicidade e intimidade, que acho que posso te chamar assim. dá vontade até de chamar de “ursulinha”, assim mesmo no diminutivo, que é como, rita von hunt, uma drag, se refere as/aos intelectuais que ela mais gosta, quando faz seus programas na internet. com a preocupação de como me referir a você – me permito falar você, porque acho mais bonito do que senhora – nem perguntei como andam as coisas por aí. aí por onde você anda, onde quer que seja. espero que esteja bem. com certeza estará melhor do que por aqui, onde andamos. faz um calor absurdo, matas queimam, cidades inundam, as baleias e golfinhos sofrem com a barulheira debaixo d’água. e os heróis, os anti-heróis, os pós-heróis, o botulismo está cada vez mais megalomaniaco, fissurados nas coisas de fazer matar, não mais com uma lança, mas com um lança foguetes, que é capaz que viajar muitos e muitos quilômetros pelos ares e destruir cidades e vidas. isso é apenas o começo do começo de algum fim. não sei para onde vamos. às vezes não quero saber, prefiro não, mas o que tenho certeza, é que precisamos fabular, especular, ancesfuturar, polirrespiralar o tempo como você sempre fez. acho que a essa altura, como você já fez a sua metamorfose há 6 anos, talvez agora esteja na forma de um calango, ou uma borboleta, ou uma pequena árvore, ou ainda uma pedra. talvez um pouco de todas essas coisas. lançarei essas palavras para sua forma gente, e para todas as outras que vieram antes e depois. lembro agora, ao escrever isso, que você*

---

<sup>7</sup> Lembro-me da escultura-brinquedo *Encontre o filósofo* (Cecilia Cavaliere, 2019, disponível em: <https://cargocollective.com/ceciliacavaliere/Encontre-o-Filosofo-Find-the-Philosopher>), que aponta, com bom humor, para a questão.

*uma vez disse que havia “momentos em que eu sinto como se as partes de mim que são pedra ou estrela ou poeira quisessem voltar ... quisessem voltar a ser o que são”. você voltou a ser o que é três anos depois de dizer essa frase. essa carta, entre outras coisas, é pra te dizer o quanto ler o seu ensaio, “a teoria da bolsa da ficção”, foi um acontecimento para mim. a minha primeira leitura foi em 2020, na sua língua, foi incrível, mas tive que dar umas cambalhotas, plantar umas bananeiras. depois consegui uma tradução não oficial, e saltitei, dancei. o texto se acendeu, como um céu sem lua, em algum meio do mato, um lugar sem luz elétrica, todas as constelações lá, eu olhando pra elas, e elas me olhando de volta, de um passado longínquo. tempos depois fizeram um livro bem bonito, com um prefácio e um posfácio. esse foi o melhor. no prefácio, escrito por juliana fausto, uma pessoa que acho que você gostaria de conhecer, você a conheceu? ela diz que você “aprendeu a alargar sua imaginação e a ouvir a terra”, e “tornar-se com ela”, com as histórias do povo kesh. ela conta um pouco da sua ancestralidade. mas não vou por aí... queria mesmo é dizer que desde então, já li com muita gente o seu ensaio. é sempre emocionante. ele me parece um texto para ser lido coletivamente, em volta de uma fogueira. na falta da fogueira, usamos uma mesa. está lá também, a matéria madeira. nesse caso, uma transmutação da vida árvore para a vida mesa. de alguma forma lemos em volta de uma árvore. não sei por que estou falando tudo isso, espero que você ainda esteja aí. ah, sim, lembrei! a “teoria da bolsa da ficção” “explica” tanto o que estamos vivendo hoje, e esses lança-chamas matando tanta gente. as histórias que vendem bastante histórias, rendem muitos likes, essas histórias do mamute, do sangue, do embate da guerra que você fala. por que não optamos, no começo dos começos do começo, como você diz, a contar as histórias da vida, sendo “pequena”, sendo do tamanho que é, sendo vida? por que escolhemos o caminho do herói, as narrativas grandiosas, em contraposição ao caminho da vida, sem coisas de matar? não tenho como não achar que o motivo tenha a ver com desde muito tempo os homens e não as mulheres dominarem o poder de contar as histórias, colocando tudo em volta deles como pano de fundo. subjugando mesmo, sem dó nem piedade. você conta que no começo dos começos o que nos mantinha vivos era...\*\*\*<sup>8</sup>*

<sup>8</sup> Fragmento de carta de Tatiana Altberg enviada a Ursula Le Guin.



Permito-me esticar, ainda, aqui, sobre o gérmen da proposta do *ovulário*. Ovulário é uma invocação ao que aprendi com Emilie Hache, filósofa e ativista ecofeminista que supervisionou parte de minha tese de doutorado no Laboratório Sophiapol da Université Paris Nanterre, em 2018 e 2019, com o apoio da bolsa de estudos Capes no contexto do Programa de Doutorado Sanduíche no Exterior (PDSE). Ovulários eram gestos de leitura coletiva de textos de teóricas ecofeministas, mas performados fora do ambiente universitário, um princípio ético que regia o gesto de Emilie diante da academia. Com a devida licença da torção, conduzi um ovulário dentro da PUC-Rio, de dentro da academia, dando uma volta na proposta, interferindo e infiltrando um *modus operandi* feminista na prática filosófica da instituição, mobilizando leituras ficcionais e propondo outra maneira de fazer filosofia: pelo OVO. O que parecia ser apenas uma prática feminista, na verdade, era uma proposição artística – e, arrisco dizer, também filosófica. Uni a ferramenta de Hache às aberturas ontoepistêmicas de Marisol de la Cadena<sup>9</sup> na antropologia, e partimos pelo meio.

E ainda me permito estender sobre o sentido daquilo que enunciei como *formação*. Elenco três importantes gestos que, a meu ver, sustentam esses processos de aprendizagem e que estão em constante maquinação assimétrica e viva: *formar, ser formada, perder a forma*. Enunciarei, então, dois momentos que se encontram em constante ambivalência relacionados: ensinar e aprender, tanto como estudante *em* artes visuais quanto como professora *em* filosofia, neste caso específico. O desejo de estar junto a partir da vinculação com os textos e com a possibilidade de pensar-com eles, de os debater – ou de debater-me com eles –, fez com que eu percebesse a dimensão erótica da nossa aprendizagem. A suspensão de uma leitura provocada por um texto que também nos

---

<sup>9</sup> Considerada uma das principais responsáveis pela *virada ontológica*, Marisol de la Cadena recusa, em parte, a expressão. Em seu *site*, explica: “meu trabalho tem contribuído para o chamado “giro ontológico”, um modo etnográfico-filosófico relativamente recente na antropologia (e em outras disciplinas), que eu prefiro chamar de ‘aberturas ontoepistêmicas’. Eu o pratico como um método analítico que abre as categorias e práticas modernas para possibilidades que estão além dos limites ontoepistêmicos dessas mesmas categorias e práticas, ao mesmo tempo em que opera por meio delas. Desenvolvo essas ideias em *Earth beings. Ecologies of practice across Andean worlds* No original: *My work has contributed to the so called ‘ontological turn,’ a relatively recent ethnographic-philosophical mode in Anthropology (and other disciplines) which I prefer to call ‘onto-epistemic openings.’ I practice it as an analytical method that opens up modern categories and practices to possibilities that are beyond the onto-epistemic limits of such categories and practices while also being through them. I unfold these ideas in Earth beings. Ecologies of practice across Andean worlds* (Disponível em: <https://www.marisoldelacadena.com/bio>)

deseja sustenta a vida em sala de aula. E percebo que talvez nosso maior desafio hoje seja encontrar esse fio de desejo que liga docente e discente, uma vez que as transformações tecnológicas, “o controle das subjetividades pelo capitalismo cibernético,<sup>10</sup> a progressiva desvalorização da tarefa de professor/a/e, o sistemático projeto de deterioração das universidades e a precarização de quem frequenta a universidade para, eventualmente, encontrar um lugar ao sol no mercado de trabalho já tão dilacerado pelo capitalismo, são alguns dos obstáculos que fazem parte da profissão e com os quais temos que nos debater. E é no trabalho mínimo e menor que se tecem essa escultura e este ensaio experimental, bem como toda a minha trajetória artístico-acadêmica como discente-docente: na poética da relação,<sup>11</sup> na construção indisciplinar e de saberes experimentais que atravessam aquilo que chamamos de ateliê-sala-de-aula-de-artes entretecida com a filosofia contemporânea. Uma sala de aula transversalizada por práticas de cuidado, atenta à escuta da matéria da vida, às práticas estético-políticas e cotidianas. “Cheias de órgãos”, como diria Éter Monteiro, alune nesse OVO, e cheias, cheias de problemas.

***\*\*\*caro pierre, espero que esta carta te encontre bem. não habituado a depender dos poderes de leitura daqueles que deixaram a vida aqui na terra — em seu caso, há 47 anos e meio — admito a possibilidade de que essas palavras não te encontrem de maneira alguma. mas vai que? primeiramente, desculpe se fui indelicado ao mencionar sua partida prematura e trágica. esse não é nem de perto o motivo pelo qual vim te escrever. consegui seu endereço com um colega que fez doutorado na França e agora vive de seguro-desemprego por lá, não sei se em sua época esses mecanismos já funcionavam assim, se imigrantes tinham esse direito. por vezes, ele recebe o seguro-desemprego e vem viver na América do Sul, onde o câmbio (des)favorável é capaz de transformar desempregados***

<sup>10</sup> Em *Dysphoria Mundi*, o filósofo catalão Paul B. Preciado (2023) elabora o dismantelamento via somatopolítica do capitalismo contemporâneo também pela subjetividade atravessada pelas *big techs*: “Para Foucault, as técnicas governamentais biopolíticas estendiam-se como uma rede de poder que excedia o âmbito legal ou a esfera punitiva, convertendo-se numa força ‘somatopolítica’, uma forma de poder espacializado que se estendia pela totalidade do território até penetrar no corpo individual” (p. 162).

<sup>11</sup> Expressão cara sobretudo ao martinicano Édouard Glissant, poeta e pensador da diáspora, que trabalha a poética da Relação, contrastando o Ser monolítico com o ser-da-Relação, incompleto e mutante, e que se transforma no contato com os Outros. Tal dinâmica, central na cultura caribenha, valoriza a transgressão da cultura popular e fortalece as poéticas da voz e sua autonomia nos sistemas literários, torcendo classificações canônicas.

*em monarcas. não chega a ser uma forma de protesto, mas me parece um jeito interessante de reaver um ínfimo percentual do que foi usurpado por aqueles que vieram antes de você aí na europa. mas esse não é também o motivo pelo qual vim te escrever. me apresento brevemente: sou leandro, curso doutorado em letras, sou artista, vivo de trabalhos culturais, sobretudo musicais, e também sou professor. tenho um filho pequeno de 4 anos e meio que está, neste momento, escutando essa carta na praia do leme, no rio de janeiro, numa manhã de dezembro. caso você venha a ressuscitar ou reencarnar — seja como coruja, minhoca ou robô —, fica minha recomendação de fazê-lo perto do leme: é um bairro ótimo, meio no cantinho, tem comércio, faixa de areia larga. só é um pouco ruim de vaga. [acabei de saber que uma galeria de esgoto arreventou em um bairro vizinho, mas isso pode acontecer em qualquer lugar, não é mesmo?] até esse momento, realizo sem bolsa meu doutorado. o fascismo, pasme você, voltou à moda nas primeiras décadas do novo milênio e a política nacional retirou de meu departamento uma quantidade considerável de bolsas. como funcionava quando você dirigia, aí em paris (apesar de sua pulsão antropológica, vou assumir que seu espírito escolheu vaguar por aí), o centre national de la recherche scientifique? todos os pesquisadores eram bolsistas? como custeavam os trabalhos de campo etc? vale dizer que nossa política nacional recente atacou também diversos grupos indígenas, ao mesmo tempo em que se ocupavam das bolsas. vista-grossa ao garimpo e à grilagem, mercúrio n'água, subnutrição (aquele não tão sutil genocídio), revisão das leis de demarcação de terras. se nos sobrar tempo, adoraria saber um pouco como você enxergava esses debates e questões nos anos 1960 e 70. mas voltemos a seus trabalhos de campo, cujos escritos são a razão de minha já um pouco prolixa carta. como optativa de minha formação, me matriculei em uma disciplina do departamento de filosofia chamada ovo. não tenho tempo para explicar muito agora, mas medite sobre a ideia de um ovulário no lugar de um seminário, e com a ideia de permitir-se estar vulnerável na academia: almoçar na sala de aula, atrasar porque levou o filho na escola e, sobretudo, poder admitir o desconhecimento de temas e autores, coisa que não foi nada simples de fazer diante de minhas e meus colegas da filosofia, que me parecem muito sabidos mesmo com tão poucos anos de vida. já para o fim do semestre, quando já estávamos exaustos e o nosso maior projeto de vida era realizar uma excursão ovo para um lixão (ainda está aí, pierre? consegue acompanhar?), nos foi sugerida a leitura de seu texto o arco e o cesto. hesito agora ao revelar que os comentários sobre seus escritos foram tecidos, em sala de aula, com certo humor. para além de uma marca recorrente da práxis da turma ovo — estimulada pela gargalhada pós-doutoral da líder de nosso*

*clã, cecília (o matriarcado ainda não está instalado 47 anos e meio depois de sua morte, embora algumas coisinhas tenham mudado) —, tripudiar me parece um método crítico razoável, enquanto o estado de ironia me parece uma boa estratégia de sobrevivência aos estados de exceção. mas isso é papo para um café futuro, quem sabe no marrocos, a meio caminho entre nós dois, e local de nascimento de bruce albert, que não sei se você conheceu, mas sobre quem logo falaremos.\*\*\*<sup>12</sup>*

### Esculpir e mamar: dispositivos estético-políticos

Uma das formas de exercer autonomia é  
possuir um discurso sobre si mesmo.  
Neusa Souza Santos

Foi com Emilie Hache (2023) que aprendi que educar é, também, dar de mamar. Emilie explica em seu recente livro, *De la génération*, que contrariamente a uma etimologia inexata e amplamente difundida, *educatio* não deriva de *educare*, conduzir, dirigir, orientar, mas de *educere*, criar, nutrir. *Educatio* designa, originalmente, o gesto de amamentar seu filho “seja ele de cadela, de porca ou de humana” – e aqui Emilie está em diálogo com o escritor Ivan Illich. Se educar é, ativamente, dar as tetas, ser educada é recebê-las, de boca bem aberta.

*\*\*\* rio de janeiro, 29 de novembro de 2024. carta para lynn margulis (in memoriam) e seus mundos nos detalhes. acho curioso começar a escrever esta carta bem na semana em que ricardo, meu companheiro e parceiro de vida encontra-se internado em um hospital por conta de uma infecção causada por um grupo de streptococcus resistente que se alojou e fez uma festa em seu mastoide, cervical e parte do crânio. ele anda respondendo bem ao tratamento antimicrobiano e deve receber alta hospitalar amanhã. mas fiquei pensando que nos últimos anos eu aprendi contigo a me fascinar por nossas ancestrais bactérias e suas forças de regeneração (o mastoide de rick que o diga). você não me conheceu, mas eu sim, conheci e me fascinei pelo seu olhar atento ao mundo, sua observação dos microcosmos mudou drasticamente o modo como eu danço e existo no mundo. ah, isso talvez seja importante para começar esta carta: também sou um ser fascinado pelas pequenezas, porém o modo como aprendi a observá-las foi por meio do corpo em movimento, foi me colocando em certos espaços e tempos e*

<sup>12</sup> Fragmento de carta de Leandro Donner enviada a Pierre Clastres.

*fazendo das estranhezas do meu corpo modos de deslocar estes mesmos espaços e tempos. sim, faço uma dança esquisita. deslocada. essa é uma das formas que dou atenção às pequenezas e conto histórias, tentando fazer delas possibilidades para que virem outras histórias. outras danças. lanço convites e busco alianças para seguir em movimento. ano passado defendi minha dissertação de mestrado em artes da cena, fruto de um período que dediquei-me ao estudo de combinações entre arte e ciência a partir da noção de “autoexperimentação” — essa coisa de se autoimplicar e se usar enquanto assunto, enquanto matéria e objeto de pesquisa. atualmente estou desdobrando esta investigação no que venho chamando de monstruosas alianças — práticas simbióticas de imaginação política outra que humana que é também minha pesquisa de doutorado. considero importante contar para você um pouco dos fios que venho traçando entre histórias, suas possíveis transfeções semióticas-materiais desde que me encontrei com a simbiogênese, lá em 2011. gosto de olhar para as datas, não com um desejo linear, mas enquanto desdobramento, reverberação, vibração dos passados, presentes e futuros. em 2011 eu me encontrei com o manifesto das espécies companheiras de donna haraway, foi quando ouvi pela primeira vez as histórias de cayenne, senti a baba dela infectando donna e foi via este manifesto que conheci a sua obra, lynn, que como já disse antes, revolucionou a minha dança. sou filho de uma microbiologista que, assim como você, é apaixonada pelas diferentes formas de vida. minha mãe, uma mulher que cresceu no campo, é uma contadora de histórias. conta histórias por meio de figuras, elucidando processos químicos-biológicos e falando daquilo que a gente cotidianamente não percebe, não se atenta. acho que você também fez muito isso, contar histórias e dar atenção aos mundos invisíveis. com a simbiose e a simbiogênese a minha dança passou a se interessar por mover em multidão. por se perceber enquanto campo simbiótico, como holobioma. o ciborgue de haraway (que me acompanhava desde 2008) em sua figuração maquínica e tecnológica abriu espaço para um corpo imaginado, um corpo em rede e conectado às diferentes formas de vida que nos constituem. fiz dessa figuração exercício de movência de mundos, de proposições coletivas para habitar nós. e nesse novelo o monstro (mistura de elementos orgânicos sintéticos) emergiu com força, se fez assunto, ideia, carne e sangue. enquanto monstro busco narrativas interespecies sobre práticas coletivas de dança em conexão com escritas especulativas, teoria de ficção e exercícios imaginativos de mundificação, de práticas em bando e configurações imbricadas, de permitir-se ser atravessado pelas complexidades de ser multidão e dar-se conta de mundos em transformação. fazer-se simbiote: a simbiose como prática de continuidade. cocriações emergentes em um mundo em ruínas. e pensar em ruínas aqui de onde falo, é algo bem real, bem material. \*\*\*<sup>13</sup>*

<sup>13</sup> Fragmento de carta de Gabriel Machado enviada a Lynn Margulis.

Pensar essa sala de aula expandida, o ateliê das relações que entretecem o processo pedagógico em estado de arte, não se faz sem muita bateção de cabeça. E mobilizo a expressão *bater cabeça*, aqui, em toda a sua ambivalência. Esculpir uma ementa é pensar sobre sua ecologia, ou sobre sua ontoecologia (um eco que é *oikos*, *casa*, mas também um eco que, tomado em seu sentido acústico-mitológico, quer dizer do som ecoado daquilo que o constitui: a reverberação entre as coisas). Nesse sentido bato cabeça para puxar o fio que reconstitui um ponto na memória acadêmica, uma ementa-escultura atravessada por afetos de toda sorte, compreendendo a textura daquilo que costura uma trajetória transdisciplinar, ao mesmo tempo em que *bato cabeça* de modo ainda mais baixo, inclinando-a ao chão diante daquelas e daqueles que vieram antes de mim e que me constituíram, abrindo portas e fazendo o caminho que desemboca no ateliê da sala de aula. Foi Déborah Danowski que, ao me convocar para coorganizar o evento Os Mil Nomes de Gaia,<sup>14</sup> em 2014, teceu essa ponte com Emilie Hache. Também Déborah abriu-me as portas da sala de aula de filosofia.

***\*\*\* me par(t)i ao meio do mundo. esta carta só pode ser lida após um caminhando. quito, 9 de dezembro, 2025. busquei elucubrações e saltos intelectuais para escrever à altura do que absorvi e coletei nos últimos meses. mas as últimas semanas me romperam de maneiras que ainda busco a origem dos sismos. há exatos 13 dias embarcava em um percurso com objetivos mas sem muitos planos. e a poucas horas de se terminar, me (des)encontro totalmente sem objetivos e com ainda menos planos, mas com os pés fincados em solo. em viagem à latitude 0°0'0", o assombro do a conhecer me tomava de golpe e sacava os chãos dos pés, a 3km de altura é difícil enxergar onde aterrar, o assombro de me encontrar em uma disforia de diferente nacionalidade consumia os alpralozans que tomava e só os pontos de òrisànlá e òsòpòsì me amparavam. em terras quíchuas o assombro da antecipação se cambiou pelo assombro da recepção e das relações. portas abertas e mesa compartilhada me esperavam em um espaço que minha cefaléia previa protocolos e desamparo. buscava uma relação e conexão com uma estrutura de uma oficina de arquitetura e me encontro com esgarçamentos de pressupostos***

<sup>14</sup> Foi ao longo de 2013 que organizamos o “Colóquio Internacional Os Mil Nomes de Gaia do Antropoceno à Idade da Terra”, que aconteceu em 2014 na Casa de Rui Barbosa, no Rio de Janeiro. O colóquio, concebido por Déborah Danowski, Eduardo Viveiros de Castro e Bruno Latour (e coorganizado por Alyne Costa, Cecilia Cavalieri, Juliana Fausto, Felipe Sussekind), convocou escritores, filósofos, cientistas, antropólogos, artistas, físicos, ativistas indígenas e pensadores nacionais e internacionais que debateram sobre o que se anunciava no título do colóquio: os acontecimentos resumidos nos nomes de Antropoceno e Gaia, conceitos centrais dentro do que chamamos de “o fim como pensamento contemporâneo da crise”, conforme descrito no *position paper* do evento disponível em: [https://osmilnomesdegaia.files.wordpress.com/2014/07/position-paper-os-mil-nomes-de-gaia\\_port.pdf](https://osmilnomesdegaia.files.wordpress.com/2014/07/position-paper-os-mil-nomes-de-gaia_port.pdf).

*que sismavam minhas convicções. e tudo isso me foi estranho, pelos dois gumes de occan, me causavam atrações e afastamentos. encontrar afetos sem (ou sem perceber) ressalvas pela minha performance individual, origem, dicção, sexualidade ou religião me era estranho quando essa abertura não era comum nem em seio familiar. cismava em pensar que quando se alarga demais a boca da bolsa, muito se entra mas muito se perde e nem tudo que cai do céu é sagrado. em meio a minha própria disforia momentânea de me encontrar em relações de tensões estranhas a mim, me refleti como introspectivo, fixei em tentar mimetizar a fala e os humores mas a impossibilidade de ser outro me calava. e novamente os guias que me acompanham me amparam e repetem, onde quer que vá, pise devagar. e assim busquei, manipular com cuidado pedra e ar, minha dureza e minha levidade, minha antecipação e meu descompasso e me pus a ouvir sem reservas e coletar à minha própria bolsa pra que alargue a boca dos ouvidos. ao ouvir comecei a encontrar onde ser ouvido seria mais possível, não pelo ouvinte, mas pela própria antecipação de como queria que reagissem. e após uns primeiros pares de cruzamentos me coloco de novo em deslocamento. um cigarro fumado pra malandro e três moedas para èsù me guardam em rota à costa, território ermo e rural. e entendi por golpe metafórico na cara que a vida não tá nem aí pros meus planejamentos. um ônibus de 8h, 40 minutos de espera na beira da estrada e uma viagem de moto em três que só pode ser descrita como o ménage menos sexual da história, perco o fôlego ao ver pacífico nu, sem uma janela de vidro ou empreendimento resort pra lhe esconder as vergonhas. e novamente me assombro com minha própria disforia citadina, acostumado a protocolos e ordens, ao ver uma família que me recebe de pés descalços no meio da mata e crianças sujas de marmelada caseira sorridentes que me recebem em uma casa por 2 dias. meu alojamento mirava o oceano, mas minha disforia citadina só me permitia pensar nas aranhas e serpentes que subiriam pelos palos duros à noite, acessariam minha casa e em afeto mortal nem me deixariam como notícia de jornal. mas o encantamento e afetos das palavras trocadas são homeopatia para disforia, revertem o assombro e a fobia. me vejo de frente ao que conhecia por desenhos, por fotos, por relatos mas nunca por pele, por ouvido. temo que minha sacola não se esgarce o suficiente ou que minha retinas não registrem o suficiente ou que meus pés envoltos em algodão e couro não sintam o suficiente ou que não tenha pelos para se arrepiar o suficiente com entre-cruzos de encantamento e vontades tão potentes que levam europeus a se isolarem e se dedicarem à comunalidade isolada de uma costa equatoriana. e encontro, ainda sem saber delinear suas silhuetas, um dos caminhos de se fazer não-arquitetura. não-arquitetura modernista, não-arquitetura permanente...\*\*\*<sup>15</sup>*

<sup>15</sup> Fragmento de carta de Thiago Soares da Silva enviada aos colegas de OVO.

Desejo foi parte importante do princípio que guiou nosso ovulário. Seguimos mais ou menos à risca a bibliografia proposta, transformamos nossas implicâncias em implicações (um grande disparador esquizoanalítico), experimentamos textos de outras maneiras. Um exemplo aberto foi o prefácio de *Reclaim ecofeminism*, da própria Emilie Hache (2016), cuja tradução foi lida em texto de word no formato “controlar alterações”, sua forma pré-pública, de modo que líamos os comentários da tradutora em conversa com o revisor juntamente com o texto em si. Tanto as escolhas conceituais quanto os debates contextuais presentes nas caixas de comentários estavam incorporados ao processo da leitura e ao debate sobre ele. Ao final da aula recortamos, colamos e voltamos a recortar o texto, avaliando os acontecimentos nas interseções das partes, coletando as junções de palavras, construindo um imenso *caminhando*<sup>16</sup> coletivo, “experimentando o texto de outro modo”. Como trabalho final escrevemos cartas para os autores lidos e debatidos ao longo do semestre, para nós mesmos, para situações que cruzaram os caminhos do ovulário de outros jeitos: nos lemos à beira-mar, em uma manhã ensolarada de dezembro, nas areias do Leme.



Figura 10  
Captura de tela do quadro  
coletivo construído no Miro

Fragmentos dessas cartas atravessam o corpo deste ensaio de quem coautoriza esse acontecimento: Éter Monteiro, Gabriel Machado, João Victor Consoli, Leandro Donner, Lia Weltman, Lucia Barros, Tatiana Altberg, Thiago Martins, Thiago Soares da Silva.

<sup>16</sup> Disponível em: <https://portal.lygiaclark.org.br/acervo/189/caminhando>. Acesso em 4 de julho de 2025.



*\*\*\* carta o.v.o. caros colegas, estava pensando em quando a butler fala que não é o corpo que é a prisão da alma, mas a alma que é a prisão do corpo...o que é a alma senão uma narrativa? uma narrativa que talvez comece lá na caverna, separando o interior e o exterior, o antes e o depois, o céu e a terra... um recorte que começa aqui, no próprio corpo, as vezes na percepção, e daqui dá a volta ao mundo, bifurcando e repartindo tudo, inclusive o nosso “aqui”. mas o corpo se estende para além do corpo e dos sentidos individuais, e continua pela terra, pelo chão, pela materialidade concreta debaixo dos nossos pés e em toda a nossa volta. um indivíduo é uma alma, uma narrativa, uma configuração ou disposição de afetos, uma economia afetiva particular. e o desenho que ela toma se despeja para “fora”, para além de suas bordas individuais, continua pelo território, pelo resto do corpo da terra. se é assim, então dissolver as oposições que repartem a terra é dissolver também as oposições “internas”, e vice-versa. se o corpo interior e o exterior se espelham, então redesenhar a relação com a terra transforma as relações internas; redesenhar as relações internas reverbera em outras relações com a terra. somos narrativas vivas, que abrem outras narrativas, que ganham corpo e saem por aí, vivas, desenhando outros mundos. mas aí tem narrativas muito mais interessantes do que outras, e narrativas mais perigosas do que outras... estava pensando em como somos desenhados por dicotomias hierárquicas, ou hierarquias dicotômicas...lá onde questões de raça e (de)colonialidade se tornam feminismo e o feminismo vira questão de gênero e o gênero dá lugar à ética animal e aí ambiente vira gaia e então caímos no gênero de novo. entendo por que a haraway prefere o ciborgue à deusa. mas também entendo quem, à primeira vista e sem bem entendê-lo, se vê inclinado a rejeitar o ciborgue e prefere voltar (ou alcançar?) à deusa. mesmo que esse ciborgue nada tenha, a princípio, de ascético ou asséptico, transcendente ou emancipado, mas antes convide as imagens verdes da biologia e da simbiose. precisamos mesmo escolher entre valorizar o tangível, a corporalidade, o sensível, o subjetivo, ou desatrelá-lo do “feminino”? entre enaltecer o logos, o racional, o abstrato, entregando tudo ao inimigo, ou ficar só com as suas supostas “sobras”, com os restos rejeitados da subjetividade, dos sentidos, do absolutamente particular, do caótico e irracional? por um lado, tentamos valorizar essa terra-chão que já ganhou fama de inferno, de demônio, de pecado...o chão feminino das opiniões instáveis e sentidos enganadores...buscamos valorizar essa materialidade que recebe tudo de ruim, tudo o que deve ser rejeitado...e tentamos inverter a hierarquia inteira de uma só vez, carregar tudo o que foi historicamente menosprezado de um aspecto positivo; tentamos rejeitar o logos*

*transparente, cerebral, abstrato e ascendente, e proteger o misterioso, o caótico, o desconhecido. mas continuamos chamando a isso que deve ser protegido de “feminino”, de mulher, de útero. temos também a estratégia inversa, de cortar a teia de associações que essa história reparte como feminino ou masculino: de um lado, o interior, os sentidos, a materialidade, o chão, o inferno... do outro, o logos, o céu, o ascendente, o abstrato... mas aí corremos o risco de continuar exaltando os últimos. democratizamos o acesso ao racional, ao objetivo, ao desinteresse neutro e imparcial: agora todos podem ser “homens”. ainda bem, pois aqui ninguém quer reivindicar o feminino... parece que sempre continuamos presos às dicotomias e às hierarquias. continuamos bifurcando... faz sentido dissolvermos oposições sem desfazer as hierarquias que elas carregam, ou, ao contrário, inverter hierarquias mas sem diluir as oposições que elas hierarquizam? queremos chacoalhar as narrativas até elas virarem de cabeça pra baixo, ou até a vertigem crescer tanto que não faça mais sentido falar em “cima” e “embaixo”? (mas quem aguenta muito tempo em vertigem? e como nos re-situarmos o bastante pra lembrar ao que estamos nos opondo? (mas na verdade nunca demora muito... \*\*\*<sup>17</sup>*

*\*\*\*querida úrsula, te busquei pelos mundos e te encontrei através desta carta. li seus últimos ensaios e busquei pela língua que você tanto fala: a língua da mãe e a língua da terra. me pergunto por quais caminhos essas línguas se encontram: acho que são mãe e filha. assim, gostaria de te endereçar esse relato na tentativa de traduzir minhas últimas ideias sobre seus escritos e gostaria de te perguntar, úrsula, você já ouviu os pássaros uivando? me encontro num vale entre morros que guarda água e areia e uma infinidade de intraduzíveis mais. o vento encontra abrigo aqui e as tempestades rugem mais alto como as gaivotas que mergulham em busca de alimento. o vale guarda uma joia secreta que brilha somente ao som do trovão mais violento cada grão de areia guardado pelas paredes de pedra como uma bolsa que guarda estrelas através do tempo. quem é a mãe? que guarda essa bolsa de estrelas os sonhos e as canções? conto hoje os sonhos que os pássaros me contaram quando caí nos sonhos no interior do vale. eles uivaram sem parar. sonhei que era humano novamente como você zangada, e com sua bolsa pronta para te defender dos bandidos. e por ser humano agora podia falar a língua da terra a língua dos morros, dos mares e dos céus. falávamos com ooo, em histórias cósmicas sobre aveia, sonho com a mãe, será ela outra? será a mãe*

<sup>17</sup> Fragmento de carta de Lia Weltman enviada aos colegas de OVO.

*uma característica cósmica? os pássaros uivaram em meus ouvidos dizendo “morte, mar e mãe começam com a mesma letra. vejo também as coisas pequenas diminutas quase invisíveis aos olhos desatentos. talvez precisamos construir novas lentes com as máquinas de nossos pais para treinar nossos olhares novamente. buscar as pequenas pedrinhas as gotas d’água e as ervas daninhas pode nos fazer ouvir os vulcões em sua trágica sinfonia, remendando a paisagem. nossas perdas serão inúmeras, perderemos de vista antigos horizontes. para buscar, no caos da assemblage, novas histórias de vida e de morte. algumas vezes me pego pensando e cego pelo que temos que viver. nas histórias de progresso e de desenvolvimento e no trabalho sem sentido. pequenas histórias reatam o que pode ser real, e o que pode ser real precisa ser construído por nós, novamente humanos. devemos ser responsáveis! e deixar de lado o privilégio de compreender o real enquanto uno. o mundo que vê a si mesmo enquanto real é insuficiente. reamarar talvez seja nosso labor. sentir o chão e saber que há vida, olhar o sol e a lua e saber que nem tudo está perdido. a cada dia eles dançarão nos céus novamente, assim como nós nascemos e morremos. como gotas de chuva, correndo para o mar, devemos retornar ao mundo. o que a terra sente por nós? às vezes sinto que somos lançados ao ódio. ou então que ela nos renega, como uma mãe que abandona seus filhos à mercê da mais nova invenção tecnológica. pelo contrário. dela, emana uma canção que nos chama de volta, diariamente, e sua voz é a mais doce das vozes. ela nos conhece profundamente e intimamente. ela nos ama e nos chama de volta. “estamos destruindo o planeta!”, eles gritam na língua dos pais. essa não é a língua da mãe. e “ser humano não é uma coisa que se possa fazer sozinho”, como você disse, úrsula. a língua da mãe é a relação, então devemos gritar de volta. abrir nossas janelas empoeiradas para a terra e dizer: nós te queremos, desejamos, amamos, odiamos, mas queremos estar com você. úrsula, querida, me despeço de você com uma última questão. como devemos chamar aqueles que podem nos ensinar a re-pensar os mundos? te chamo também, úrsula, de volta. busco vocês no berço da terra, nas profundezas negras. somos suas crianças, somos seus sonhos de carne. por favor, nos contem suas antigas histórias. por favor, nos mostrem como fiar a lã. não viraremos mais as costas. e quando não estivermos mais aqui, teremos cantado as antigas canções novamente, ensinado suas palavras, e vocês viverão, eternamente, entre os mundos.\*\*18*

<sup>18</sup> Fragmento de carta de João Victor Consoli enviada a Ursula Le Guin.

**Cecilia Cavalieri** é artista-etc., pós-doutoranda em filosofia (PUC-Rio/CNPq), mestra em arte e cultura contemporânea (PPGArtes/Uerj) e doutora em linguagens visuais (PPGAV/UFRJ) com estágio no Lab de Sociologia e Filosofia Política da Université Paris-Nanterre.

### Ementa esculpida-com

DANOWSKI, Déborah; CASTRO, Eduardo Viveiros de. *Há mundo por vir? Ensaio sobre os medos e os fins*. 2. ed. Desterro: ISA/Cultura e Barbárie, 2017.

DE LA CADENA, Marisol. *Seres-Terra: Ecologias de prática em mundos andinos Earth beings: ecologies of practice across Andean Worlds*. Rio de Janeiro: Bazar do TempoDurham: Duke University Press, 2024.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia*. v. 4. Trad. Suely Rolnik. Rio de Janeiro: Editora 34, 1997.

FABIÃO, Eleonora. Programa performativo: o corpo-em-experiência. *Revista Ilinx*, Campinas, n. 4, p. 1-11, dez. 2013. Disponível em: <http://www.cocen.rei.unicamp.br/revistadigital/index.php/lume/article/view/276>. Acesso em 4 jul. 2025.

FERREIRA DA SILVA, Denise. *Homus Modernus*. São Paulo: Editora Cobogó, 2022.

HACHE, Emilie (org.). *Reclaim: recueil de textes écoféministes*. Paris: Cambourakis, 2016.

HACHE, Emilie. *De la génération*. Paris: La Découverte, 2023.

HARAWAY, Donna. Donna Haraway explica por que se deve fazer parentescos em vez de bebês. Entrevista concedida a Marilene Felinto, Cecilia Cavalieri e Juliana Fausto. *Species: panfleto de antropologia especulativa*, [s. l.], n. 0, ago. 2021.

HARAWAY, Donna. Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial. *Cadernos Pagu*, Campinas, n. 5, p. 7-41, 2009.

MARTIN, Emily. The egg and the sperm: how science has constructed a romance based on stereotypical male-female roles. *Signs*, v. 16, n. 3, 1991.

PRECIADO, Paul B. *Dysphoria mundi: o som do mundo desmoronando*. Rio de Janeiro: Zahar, 2023.

REY, Alain. *Dictionnaire historique de la langue française*. Paris: Le Robert, 2011.

Artigo submetido em março de 2025 e aprovado em maio de 2025.

#### Como citar:

CAVALIERI, Cecilia. Fazer OVO: uma ementa como escultura ou uma sala de aula de filosofia como ateliê. *Arte & Ensaios*, Rio de Janeiro, PPGAV-UFRJ, v. 31, n. 49, p. 95-122, jan.-jun. 2025. ISSN-2448-3338. DOI: <https://doi.org/10.60001/ae.n49.6>. Disponível em: <http://revistas.ufrj.br/index.php/ae>